

QUADRA DEDICADA AO MUITO TRABALHAR

MOTO

1 Eu trabalho sem medida
A chuva frio e calor
Já tenho a força perdida
É ninguém me dá valor -

1ª

Quando eu tinha cinco anos
Comecei a ter fadigas
Tinha sereno e boxigas
Neste mundo de enganos
Seguim então outros planos
Comecei com outra lida
Com sete anos de vida
Leia na escola a lição
Para ganhar o meu pão
Eu trabalho sem medida

2ª

Com mais um ano passado
Meu pai-me tirou da escola
Cantava sem ter viola
Nos campos guardando gado
Com quinze anos de idade
Eu deixei de ser pastor
Trabalhava com vigor
Até já de noite escuro
Num trabalho que é tão duro
A chuva frio e calor

2

3^o

Em tempos que já lá vão
Trabalhava noite e dia
Sem nenhuma regalia
Que-me não dava o patrão.
Já-me cansa a coraçãõ
Deve estar no fim da vida
Com a éra quase vencida
Sem nunca nada gozar
E de tanto trabalhar
Já tenho a força perdida.

Tanto que eu tenho paçada
Com dores no corpo a sentir
Toda a vida a produzir
Onde quer que tenho andado.
Estou velho já cansado
Ainda sou produtor
A semear e a despôr
Trabalha na agricultura
Sou poeta sem cultura
E ninguém-me dá valor

1^a

3

No mundo que é uma bola
A tanta idéiã perdida
Cantôres sem ter viola
A trabalhar toda a vida.

Na nação de portugal
Nunca era já passada
Por não terem capital
Não chegaram a ser nada.

A por aí tantas ciências
No paiz abandonadas
A tantas Inteliçenças
Que não são aproveitadas.

Os señhores governantes
Ponham os olhos em mim
No paiz de por aí tantas
Sem poder ficam assim.

Quando eu tinha onze anos
Tinha um páro de pão
Gozava sem ter enganos
Já não era nada máo.

6^a

4 Depois um comerciante
Comprou-me um ocarina
Tocava acertava o canto
Era esta a minha canção.
7^a
Foi assim desta maneira
Esse bom comerciante
Do monte claro cárcelos pereiras
Gostava de mim bastante
8^a

Eu podia ser artista
De guitarra e viola
Cantar ser um bom fadista
No mundo que é uma bola
9^a

Mas hoje já não dá apêlo
Eu sou outro António Aleixo
Para ser igual a ele
Escreve um livro que vos deixo
10^a

O meu saber é profundo
Ser estudar nenhuma hora
Quer dizer a deus o mundo
Adéus que-me vou embora

5

DESPEDIDA AO SENHORE DOUTOR JOSÉ
MANOEL QUE DEIXOU-DE VIR A FALAGUEIRA
1^a

Cussa lá senhor doutor
Fassa favor de escutar
Diga-me lá com primor
O que eu-lhe vou perguntar.
2^a

Eu ouso por aí dizer
Que-se vai daqui embora
Nunca-se queira esquecer
De quem está cantando agora.
3^a

Tanta gente que precisa
E que te-em sofrimento
Se abalar aqui de niza
Nunca-se esqueça da gente.
4^a

Se for morar para Lisboa
Fica perto da mouraria
Passa-lhe uma guarda boa
Se eu por lá passar um dia.
5^a

Cantando com sentimento
Assim triste e pouco alegre
Fica mais perto da gente
Se for para portalegre.

5^a

Ainda não disse tudo
Seu destino a sua sorte
Dezejo-lhe muita saúde
E feliz até há morte.

~~82~~ 79

Igual há cura senhora
E filhos se os tiver
Se o senhor-se for embora
Será o que deus quiser.

83

Mas quando um dia abalar
Que vá com muita alegria
Eu quero ir abraçar
Diser-lhe adeus até um dia.

7

MOTO

A' o grande cientista
Que não se enserra
Mas não sabe pôr há vista
Quantos quilos põz a terra.

12

A' tanta água no mar
Quantos litros averá
Um cientista não há
Que seja capaz de os contar
Não há quem saiba explicar
Nem o melhor especialista
Aqui é que ninguém rísea
São coisas da natureza
Pra contar essa grandeza
A' o grande cientista.

2^a

Dísen que o mar tem canais
Eu admire bastante
A água que pesa tanto
Mas a terra pesa mais
E não há pesos iguais
Tanta água tanta serra
Tanta coisa que há na terra
E ela sempre a ferar
O cientista a estudar
Que não se enserra

MOTO

9

Á por-ai algum amigo
 Que tenha a vós afinada
 Que queira cantar comigo
 Num pouco há desgarrada
 12

Quando eu comesso a cantar
 Gosta de ter um companheiro
 Pra cantar o dia inteiro
 Até há noite ao deitar
 Comesso logo a escutar
 Se o fado é novo é antigo
 Se é velho nada digo
 Seja qualquer amiguinho
 Pra-eu não cantar sozinho
 Á porai algum amigo
 22

Eu gosto muito do fado
 Acreditam podem erêr
 Mas sempre gosto de têr
 Num companheiro do meu lado
 Para cantar un bocado
 Venha qualquer camarada
 Eu sei cantar pouco ou nada
 Não sou nenhum professor
 Venha lá qualquer cantor
 Que tenha a vós afinada

3^a

8 O peso número não tem
 Não-se pode calcular
 Tem grande peso no ar
 E segura-se ~~tambem~~ tambem
 Senhores reparam bem
 Como é, tan grande a pista
 Diz o grande cientista
 Muitos quilos pesa o mundo
 O seu saber é profundo
 Mas não sabe pôr há vista.
 22

A terra pode com o mar
 Está assente encima dela
 Tanta coisa que há nela
 Ainda para mais pesar
 Não sou capaz de encontrar
 O homem que nunca erra
 Seja em paz ó na guerra
 Seja em qualquer país
 O cientista não déz
 Quantos quilos pesa a terra.
 32

Depois da quadra acabada
 Dou a minha solução
 A pesar de não saber nada
 Quean todos quante estão o

Tudo canta tudo berra
 E só não falam os santos
 Os quilos que pesa a terra
 São metade e outros tantos.

Venha cantar neste sentre
 Cantigas só sête ou oito
 E se quiser toda a noite
 Prá compambar cá estou sempre
 Quem quiser entrar que entre
 Estou a ver que não coneigo
 A isto que eu tanto leigo
 Eu terei que dar dinheiro
 Não há nenhum cavalheiro
 Que queira cantar comigo
 19

Terei que cantar sosinho
 É o mesmo mão-me importa
 A minha vós não está morta
 Para cantar o fadinho
 Tanto então só um pouquinho
 Não é para ser de moçada
 Já tenho a quadra acabada
 Já-me estou a enfadar
 Não há quem queira cantar
 Um pouco há desgarrada

UMA MAE QUE LAMENTA A SORTE DA SUA FILHA DE SEU FILHO?

MOTO

No povo alem da serra
 Vím uma mãe tão perdida
 Por dar um filho para a guerra
 E uma filha para a vida
 19

Depois do filho criado
 Estava na sua infância
 Foi para a guerra da França
 Porque era entan soldado
 Apenas que foi chamado
 Logo no combate inferra
 A sua mãe-se inserta
 Dentro de casa chorando
 No pobre filho pençando
 No povo alem da serra.
 2^a

Depois de um ano pacado
 Uma filha que ela tinha
 Enludida pela vesinha
 Foran-se meter no jado
 Pobre mãe e pai coitado
 Chorando com tanta lida
 Sua filha convencida
 Por quem-lhe não queria bem
 No povo que fêca alem
 Vím uma mãe tão perdida

Soldados de Portugal
 Que tanto foram sofrer
 Para a guerra combater
 Sen ninguem-lhe fazer mal
 Mas o grande general
 Que tudo o que diz não erra
 E o soldado desterra
 Para fora do seu país
 Chora a mãe que é infelíz
 Por dar ~~o~~ un filho para a guerra

4ª

E bradava por Jezuz
 Lamentando a sua sorte
 Deus que tem uma mão forte
 Foi quem-lhe deu essa cruz
 Por dar dois filhos á luz
 Chorava de arrependida
 Pra ela a morte era erida
 Por-se ver neste máo Irilho
 Por dar para a guerra un filho
 E uma filha para a vida

CARTA A UMA NAMORADA QUE SE DEIXARAM MAS
 ELE NUNCA-SE ESQUESSSE DELA?

MOTO

Quero e não posso esquecer-te
 Devo odiarte mas não quero
 Sinto ^{perder-me} perder-me em perderte
 Não tenho esperança mas espero

1ª

Tanto que eu de ti gostava
 Mas que namor foi o nosso
 Quer-me esquecer e não posso
 Do tempo que entre amava
 E quando eu por ti passava
 Ficava alegre ao verte
 Eu venho aqui diserte
 Se ainda-me queres amar
 Eu vivo triste a pensar
 Quero e não posso esquecer-te

2ª

Com o don que deus-me deu
 Gosto de ti a valer
 E não á, nem pode aver
 Quem-te queira mais do que eu
 Meu pensar não é o teu
 É isto que eu considero
 Quem eu era não desmero
 Do principio até ao fim
 Tu és falea para mim
 Devo odiarte mas não quero

Quando eu-me ponho a lembrar
 Do nosso amor de algum dia
 Era sempre uma alegria
 O nosso lindo namorar
 Deixas-te de-me falar
 Sem eu apenas fazer-te
 Não cheguei a conhecerte
 És a minha inusã
 Se tu-me dizes que não
 Sente perder-me em perder-te

2^a

A' muito que eu estou a ver
 Que tens outro namorado
 E eu fico abandonado
 Sem ofeças-te fazer
 Mas como é que pode ser
 Eu ficar assim em ZER
 Farei tudo o que eu poder
 Para voltar do antigo
 Eu casar ó não contigo
 Não tenho esperança mas espero